

1- Introdução

O Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia - CEAB -, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, mediante Convênio celebrado entre a UFBA e a Prefeitura do Salvador, ficou encarregado de estudar a *Evolução Física da Primeira Capital do Brasil*.

Em vista da importância de que se reveste a divulgação dessas pesquisas, faremos, no presente trabalho, referência ao estado em que se encontrava a *Cidade do Salvador*, no primeiro terço do setecentos baiano, a partir das informações contidas na *Planta do Brigadeiro Jean Massé - 1715 -* e na preciosa "*História da América Portuguesa*", de Sebastião da Rocha Pita.

2- A Preciosa Contribuição de Sebastião da Rocha Pita.

Na enumeração das principais *Fontes* utilizadas na elaboração da *Planta da Cidade do Salvador* no final do primeiro terço do século XVIII, vale destacar a preciosa contribuição do ilustre historiador e homem de letras baiano, *Sebastião da Rocha Pita (1660-1738)*, na sua obra fundamental, a "*História da América Portuguesa*".

O valor do livro de *Sebastião da Rocha Pita*, foi objeto das mais desencontradas opiniões. Recentemente, porém, iniciou-se um processo de reavaliação crítica da mesma, destacando-se, no particular, a atuação de *Wilson Martins*, autor da monumental "*História da Inteligência Brasileira*", de cujo vol. 1 (1550-1794), transcreveremos alguns trechos, a saber:

:"Segundo acentuava o Pe. D. José Barbosa, encarregado de aprovar, como Ordinário, o volume de Rocha Pita, a *História da América Portuguesa* é o primeiro livro digno desse nome, re

ferente à "nova terra descoberta". Com efeito, Gandavo e Si-
mão de Vasconcelos, Duarte de Albuquerque Coelho ou Manoel Ca-
lado, foram, no espírito e na técnica, mais cronistas que his-
toriadores, nenhum deles se situado nas perspectivas historio-
gráficas de Rocha Pita. Assim sendo, pode-se afirmar que a
Historia da América Portuguesa inaugura, de seu lado, em nos-
so país, a tradição dos estudos históricos, assim como inau-
gura, juntamente com Botelho de Oliveira, a tradição das pá-
ginas ufanísticas. Esse livro desejou, e, em grande parte con-
seguiu, ser uma obra de história que fosse, ao mesmo tempo,
dentro das concepções estilísticas da época, um grande texto
literário. Frei Manuel Guilherme, qualificador do Santo Ofí-
cio, nele louvara "a frase verdadeiramente portuguesa, desa-
fetada, pura, concisa e conceituosa". Esses adjetivos mostram,
por um lado, que a língua de Rocha Pita, longe de parecer ar-
tificial e ridícula, era, para os bons leitores da época, mo-
delo de criação literária, e, por outro lado, que a sua con-
dição de conceituosa não contradizia, antes completava, a sua
condição de pureza, concisão e simplicidade. Se os nosso pa-
drões de julgamento são diversos, é impossível ignorar, entre-
tanto, a vitalidade interior, o movimento e a harmonia desse
texto; entre os sucessos do maneirismo de língua Portuguesa,
será injusto excluir esse grande prosador, da companhia dos
que criaram uma das suas mais típicas manifestações literári-
as". (1)

E qual a metodologia empregada por Rocha Pita, na elab-
oração do seu importante livro? Quem nos respondeu a essa in-
dagação fundamental foi J. M. Pereira da Silva, como segue:

"Sebastião da Rocha Pita calculou todas as dificulda-
des de sua empresa; assentou de vencê-las. Para conseguí-lo,
deixou seu descanso e seu repouso, e despediu-se das margens
alegres e pitorescas do belo Paraguaçu. Gastou bastantes anos
no exame de todos os documentos e manuscritos, que existiam
nos arquivos dos conventos de S. Francisco, do Carmo e de S.
Bento, que eram as três ordens, que no Brasil se fundaram, e
nas livrarias dos colégios dos Jesuítas da Bahia, do Rio de
Janeiro e de S. Vicente;

Passou-se depois para Lisboa, e lá se entregou de to

do coração, aplicando toda a atividade do seu espírito, despendendo não pequenas somas pecuniárias, à indagação conscienciosa de todos os papéis, que lhe pudessem ministrar elementos para escrever a sua história.

Não contente com as notícias que pôde obter dos documentos, escritos na sua língua vernácula, e na castelhana, que perfeitamente sabia, deu-se ao estudo das línguas francesa, holandesa e italiana, para o fim de ler e conhecer os escritos nesses idiomas, dos quais pudesse colher elementos proveitosos à sua empresa.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu finalizar, no ano de 1728" (2).

Feitas estas indispensáveis considerações, a respeito do importante livro estudado, passemos à análise dos trechos em que *Rocha Pita* versou sobre a *Cabeça do Brasil*.

"A cidade com prolongada forma se estende em uma grande planície elevada ao mar, que lhe fica ao poente, e ao nascente a campanha. Está eminente à dilatada povoação da marinha e aos repetidos portos donde se lhe sobe com pequena fadiga por capacíssimas ruas. Tem duas portas, uma ao sul, e ao norte outra, em cujo espaço estão os famosos templos de Nossa Senhora da Ajuda, o da Misericórdia, que tem a si unido o magnífico recolhimento de mulheres, a majestosa igreja matriz, à qual está próximo o grande palácio arquiépiscopal, a igreja nova de S. Pedro da Irmandade dos Clérigos, o templo, o colégio e aulas escolásticas e doulas dos religiosos da Companhia de Jesus e o suntuoso templo e convento de São Francisco." (3)

Este trecho, por sua clareza dispensa comentários.

"Em seis bairros se divide a cidade: o das Portas de S. Bento, o de Nossa Senhora da Ajuda, o da Praça, o do Terreiro, o de S. Francisco e o das Portas do Carmo, além dos outros que ficam extra-muros, dos quais faremos menção. Duas praças lhe aumentam a formosura, a de Palacio, quadrada com cento e sessenta e dois pés geométricos por face e vinte e seis mil duzentos e quarenta e quatro de área. Na frente tem o majestoso paço onde residem os generais; na parte oposta a Casa da Moeda, ao la

do direito as da Câmara e Cadeia; ao esquerdo a da Relação, e por seis formosas ruas se comunica a todas as partes da cidade". (4)

Já aqui, são necessárias considerações, não porque se ja obscuro, mas pelo fato de possibilitar uma sistematização da ocupação do casco urbano, na terceira década do setecentos baiano.

2.1. - Bairros Intra-Muros

Eram seis, a saber:

2.1.1. - Portas de São Bento; 1.2 - Nossa Senhora da Ajuda ; 1.3 - Da Praça; 1.4 - Do Terreiro; 1.5 - De S. Francisco; 6 - Portas do Carmo.

Quanto aos *Extra-Muros*, seriam tratados mais adiante.

Cogita da *Praça do Palácio*, uma das duas que aumentavam a formosura da *Mancha Matriz*, intra-muros, que logo descreve com precisão.

Era, na ocasião, um espaço urbano com "162 pés geométricos de face", de forma quadrada, e "26.244 de área".

Na frente - face sul - ostentava-se o "magesoso Paço", - *Palácio dos Vice-Reis* - construído a partir da administração de *Francisco Barreto*, o vencedor de *Guararapes*.

Na face oposta - norte - a *Casa da Moeda*.

No lado do nascente, a *Casa de Câmara e Cadeia*, igualmente com a sua área construída total, ocupando todo o quarteirão.

Finalmente, poente, a *Casa da Relação*, que se comunicava com o *Palácio dos Vice-Reis* por um passadiço sobre arcos, possibilitando, por conseguinte, o trânsito para a ladeira, ao lado da fachada oeste do edifício vice-real.

A *Praça do Palácio* se comunicava, por seis ruas, com todas as partes da cidade, situação que se conservou por muito tempo.

Da *Praça* aberta dos tempo iniciais, tinha-se chegado a um espaço fechado em seus quatro lados, pouco restando de li

vre no poente, para o descortínio da majestosa paisagem da *Baía de Todos os Santos*. Estava o *Centro Administrativo da Cabeça do Brasil* plenamente desenvolvido, e, com essa forma, permaneceria por um século e meio adiante.

"A segunda praça, chamada Terreiro de Jesus, se prolonga com trezentos e cinquenta pés de comprimento e duzentos e vinte e oito de largura, formando uma área de setenta e nove mil e oitocentos. Tem no princípio a igreja do referido colégio dos padres da Companhia, de que tomou o nome, e por todas as partes vai acompanhada e enobrecida de suntuosos edifícios, de que lhe resulta agradável perspectiva e contínua frequência; por sete ruas se franqueia a todos os bairros; continua-se-lhe a grandíssima rua de S. Francisco, que dá o nome e tem o seu convento na parte em que ela termina, sendo o fim do Terreiro de Jesus a em que principia. Tem trezentos e dez pés de comprimento e sessenta e quatro de largura, com dezenove mil e oitocentos e quarenta de área. É cercada por ambos os lados de casas nobres, iguais em altura e fábrika, entre as quais, de uma e outra parte, se entrepõem algumas formosas ruas". (5)

Essa segunda praça, o *Terreiro*, com "350 pés de comprimento e 228 de Largura" e área de "79.800" pés quadrado;

No seu princípio, encontrava-se a *Igreja do Colégio dos Jesuítas*, atual *Catedral Basílica de Salvador*;

Lateralmente, a *Praça* estava composta de "suntuosos edifícios, de que lhe resulta agradável perspectiva e contínua frequência", o que se compreende, por se tratar do *Centro Religioso e Cultural* da cidade;

Do *Terreiro*, havia comunicação com todos os *Bairros*, pelas sete ruas que aí se iniciavam, todas perfeitamente identificáveis;

Em continuação, vinha a "grandíssima rua de São Francisco" cujo nome devia-se ao fato de achar-se edificado, na parte final dessa rua, o *Convento de São Francisco*. A rua de São Francisco tinha as seguintes dimensões: "310 pés de comprimento e 64 de largura, com 19.840 de área;

De ambos os lados do atual *Cruzeiro de São Francisco*;

estavam edificadas "casa nobres, iguais em altura e fãbrica, entre as quais, de uma e outra parte, se entrepõem algumas formosas ruas", tudo, portanto, quanto à forma urbana, tal qual se encontra hoje.

Prosseguindo em sua precisa descrição, *Rocha Pita* esclarece sobre o grande desenvolvimento experimentado por *Salvador*, das *Portas de São Bento* para a banda do sul. Eis o texto respectivo:

"A grandeza da cidade se lhe considera menos pelo âmbito que o seu circuito compreende, que pela distância em que além das suas portas se dilata, porque destas partes se forma o todo da sua extensão e formosura. Saindo pelas portas que tem ao sul, lhe fica o bairro de S. Bento, maior e mais apreziável que todos os outros; apelida-se do nome deste glorioso patriarca pelo suntuoso templo e convento que tem na entrada dele, fundados em um alto de pouca elevação e muita capacidade.

Vai continuando o bairro a principal rua até à igreja de S. Pedro, sua paróquia, donde prossegue o dilatado trânsito ao famoso hospício dos padres Capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade, e dali, com o mesmo povoado curso, até perto da fortaleza de S. Pedro. Por uma e outra parte deste grande distrito há muitas ruas, sendo célebre a que chamam rua de Baixo, todas enobrecidas de formosas casas com vistas dilatadíssimas para o mar e para a terra, repetidos portos e saídas admiravelmente aprazíveis, todas as jurisdição da freguesia de S. Pedro, em qual tem também assento para a parte do mar o magnífico convento dos religiosos de Santa Tereza de Jesus, e para a de terra novas igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa".(6)

Analisemos esse trecho, que é do maior interesse para o nosso estudo, vez que, aqui tem início a descrição da cidade fora de portas, indicando o seu desenvolvimento nos anos vinte do setecentos, enquanto os parágrafos anteriores, embora muito valiosos, referem-se à urbis entre portas, mais estabelecida, sobretudo no que concerne ao traçado urbano e posição das principais estruturas aí estabelecidas, e que se conservaram durante todo o período *Colonial* e, mesmo *Imperial* e *Republicano*, os dois últimos já sendo o *Brasil* nação indepen

dente.

A cidade, na terceira década do setecentos soteropolitano, crescera bastante; *Rocha Pita* afirma que a sua "grandeza" devia ser considerada "menos pelo âmbito que o seu circuito compreende", do que pela distância abrangida "além das suas portas", porque daí é que se formava o "todo de sua extensão e formosura".

Ultrapassada a *Porta de São Bento*, na direção sul, encontrava-se o bairro de *São Bento*, "maior e mais aprazível que todos os outros", cujo nome se derivava do "suntuoso templo e convento que tem na entrada dele", localizado em "um alto de pouca elevação e muita capacidade", o que é verdadeiro, porque as condições do terreno são muito mais propícias ao desenvolvimento urbano do que no espaço entre portas, pouco profundo.

A rua principal do *Bairro*, era a mais larga da cidade, na qual moravam figuras representativas da sociedade baiana, entre as quais estava o próprio *Sebastião da Rocha Pita*, e deveu a sua importância à proximidade da *Igreja e Mosteiro de São Bento*, e às facilidades do trecho para nobres edificações. E extensão ia da parte alta da atual ladeira de *S. Bento* à *Igreja de São Pedro*, sua paróquia, que se encontrava em construção, terminada em 1738.

Daí, chegava-se ao "formoso hospício dos padres Capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade", em cujo trecho "prosegue o dilatado trânsito".

Da *Piedade* continuava-se, "com o mesmo povoado curso", até perto do *Forte de São Pedro*, pela rua de *João Pereira*. Nessa ocasião como se aprecia na *Planta de Massê*, que temos sob os olhos enquanto acompanhamos a descrição de *Rocha Pita*, pela contemporaneidade dos dois excelentes informes, um gráfico e outro escrito, separados por poucos anos, verifica-se que o desenvolvimento urbano já atingira *Piedade, São Raimundo e Mercês*, onde existiam diversas ruas. Aliás, o próprio autor da "*História da América Portuguesa*" o afirma, quando escreve: "Por uma e outra parte deste grande distrito há muitas ruas, sendo célebre a que chamam rua de Baixo (atual Carlos Gomes), todas enobrecidas de formosas casas com vistas dilatadíssimas para

o mar e para a terra, repetidos portos e saídas admiravelmente aprazíveis, todas jurisdição da freguesia de S. Pedro, em a qual tem também assento para a parte do mar o magnífico convento das religiosas de Santa Tereza de Jesus, e para a de terra as novas igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa". O afirmado pode ser conferido pelo exame da *Planta de Massé*, na qual se observá a existencia de um tecido urbano muito mais amplo do que em épocas anteriores, aparecendo com a maior clareza as *Ruas de Baixo de São Bento, Sodrê, Areal de Cima, Areal de Baixo, Ladeira de Santa Tereza*, da banda do mar, seguindo-se adessos à baía pelo *Gabriel*, indo-se ao *Unhão* e "repetidos portos e saídas admiravelmente aprazíveis", e pelo *Sodrê*, à *Preguiça*.

Aí se encontrava o "*magnífico convento dos religiosos de Santa Tereza de Jesus*", atual Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

Na parte de terra, a partir de São Bento, estavam situadas "*as novas igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa*". O bairro da *Lapa*, presente na *Planta do Brigadeiro*, com casario no lado oposto ao em que se construiria, a seguir, o *Convento e Igreja de N. S. da Conceição da Lapa*, nº23 - Desenho 02 - no lugar onde havia trincheiras - nº13 - Desenho 01 -, a que se refere, anos mais tarde, o lúcido *Parecer* do renomado *Engenheiro Nicolau de Abreu Carvalho*, considerando ser mais importante a construção do monumental conjunto arquitetônico, pois a proteção divina daí resultante, seria de maior proveito para a defesa da *Cidade do Salvador* do que trincheiras. Quanto à *Barroquinha*, esboçam-se os primeiros arruamentos, com casas no trecho compreendido entre a Igreja e as hortas de *São Bento*, observando-se, em suas proximidades, o início do *Dique dos Holandeses*. Na *Legenda* que acompanha a *Planta de Massé* se lê: "*E - Pentano que algum dia, fortificava a Cidade e hoje a infesta por ficar dentro*", o que correto, uma vez que a segunda linha de cumeeada, ao ser ocupada, tornou o reservatório flâmengo um dique interior.

Sebastião da Rocha Pita prossegue afirmando:

"Das portas da cidade, que lhe ficam ao norte, se sai à nova paróquia de Nossa Senhora do Rosário, donde por largas

e seguidas ruas, compostas de muitas casarias, se sobe ao Monte Carmelo, de que se apelida este bairro, convento de Nossa Senhora do Carmo, e de Santo Elias, e se continua o seu mesmo largo trânsito com a própria largura até a igreja paroquial de Santo Antônio, vigararia de grande distrito, em que está a fortaleza desta invocação, continuando a sua numerosa povoação em casa e moradores até além do sítio chamado o Rosário, quartel dos soldados que vêm nas náus de comboio. A jurisdição desta paróquia, por partes menos povoadas, se estende a muitos espaços do país, compreendendo a nova igreja da Soledade, o noviciado dos padres da Companhia, as ermidas da Boa Viagem de frades de S. Francisco, e de Monserrate de montes de S. Bento". (7)

Analisando este texto, que se refere à extensão da Cidade do Salvador, das Portas do Carmo para o norte, aprende-se:

A - Que em seguida às Portas do Carmo, começava a nova paróquia de Nossa Senhora do Rosário. A sua Matriz, aí situada, conhecida como de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho;

B - Que daí, por "largas e seguidas ruas, compostas de muitas casarias", ascendia-se ao Monte Carmelo, "de que se apelida este bairro", vendo-se perfeitamente, no Desenho de Massé, todo o arruamento e casario já existente, em ambos os lados da ladeira do Pelourinho, no Taboão, Ladeira do Carmo, Rua do Passo, Ladeira do Taboão e ladeira, ainda em parte ca-minho, que depois seria denominada do Caminho Novo comunicando-se com o Pilar, na Praia;

C - Continuando, na mesma direção, o Convento de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Elias, prosseguindo o seu "mesmo largo trânsito com a própria largura", até atingir-se, pe-la Rua Direita de Santo Antonio a respectiva Igreja Paroquial, e o Forte de Santo Antonio Além do Carmo.

D - Que, desse último ponto, continuava "a sua numerosa povoação em casas e moradores além do sítio chamado o Rosário, quartel dos soldados que vêm nas náus de comboio" que aí se alojavam durante a permanência no porto, às vezes demorada. A Capela do Rosarinho era no local onde está agora a

Igreja da SS. Trindade, em Água de Meninos, assim como o quartel mencionado. Para esse trecho da Cidade do Salvador, Massé, no seu "Plano de Fortificação", previra: "6 - Fortificação, e muralhas projectadas para impedir o fácil desembarque ao inimigo por agoa de meninos, o ingresso pela ladeira de S. Antonio", - nº 6 Desenho 01 - atual da Água Brusca, precaução resultante do conhecimento da história militar da cidade, projeto nunca executado;

E - Que a "*jurisdição desta paróquia*", em seu prosseguimento sempre para o norte e já aqui na *Praia*, estendia-se a muitos espaços, todos menos povoados, incluindo o *Noviciado dos Padres da Companhia* atual *São Joaquim* - nº 01. Desenho 02 - as ermidas da *Boa Viagem*, dos frades de *São Francisco*, e de *Monserate*, dos *Beneditinos*. Na *Cidade Alta*, atingia a "*nova igreja da Soledade*", não assinalada na *Planta de Massé*, que para esse ponto projetara: "*8 - Obra Coroa no Alto da Soledade para vedar ali o alojamento ao Inimigo*", - nº 8, Desenho 01 - igualmente não executada.

Retornemos a Rocha Pita:

"Para a parte do oriente lhe ficam os dois grandes e vistosos bairros da Palma e do Desterro, este enobrecido com igreja paroquial de largo distrito e com o mosteiro das religiosas de Santa Clara, aquele com hospício de N. Senhora da Palma de frades de Santo Agostinho, e a capela de Nossa Senhora do Rosário de um dos terços do presidio, ambos ornados de boas casas e habitados de muitos moradores, fregueses do pároco do Desterro".(8)

Informação importante, com que termina a descrição da parte alta da urbis setecentista nos seus anos vinte.

Contando ainda uma vez, com a descrição de *Rocha Pita*, examinemos agora, o *Bairro da Praia*:

"Para o ocaso tem a marinha, que, apelidando-se bairro da Praia, se divide em duas paróquias, a de Nossa Senhora da Conceição e a do Pilar, ambas povoadas de inumeráveis moradores e ornadas de grandes edifícios, que guarnecem de um e outro lado a povoação, desde o lugar chamado Preguiça até o referido sítio, quartel dos soldados do remo, incluindo a pri

meira no seu distrito as igrejas do Corpo Santo e Santa Bárbara, as suntuosas casas da Alfândega e da Ribeira, e as que foram da Junta. As dos particulares em ambas são magníficas e mui elevadas; umas se fabricaram sobre o mar e outras em costadas aos penhascos da terra, abrindo-se neles por muitas partes, com grande artifício e despeza, repetidos transitos, para subir com mais brevidade a todas as da cidade; nestase contem seis mil fogos e vinte e oito mil vizinhos capazes dos Sacramentos, qualificada nobreza e luzido povo".(9)

O exame da *Planta de Massê*, confirma a exposição de *Rocha Pita*, evidenciando, porém, que o trecho entre a *Preguiça* e a *Praça Cairú*, aproximadamente, encontrava-se mais densamente edificado, com casas em ambos os lados da única rua existente, enquanto no setor deste último ponto até *Água de Meninos*, paróquia do *Pilar*, as construções eram mais afastadas, embora com ocupação contínua em todo o espaço indicado, permanecendo com uma única via pública.

Na parte final do parágrafo em estudo, encontramos uma informação importante; na *Cidade do Salvador*, nos anos vinte do setecentos, contavam-se "seis mil fogos e vinte e oito mil vizinhos capazes de Sacramentos, qualificada nobreza e luzido povo". A *Soterópolis* experimentara um grande incremento populacional no período em análise, pois, estimando em 10.000 o número de seus habitantes em 1650, após a época de perturbações, encontramos em 1730 uma aglomeração de 30.000 pessoas e a existencia de 6.000 fogos, com a média, por conseguinte, de 5 pessoas por fogo, indicadores estes dados de um período de apreciável desenvolvimento urbano e populacional, condizente com as informações colhidas das diversas fontes estudadas, que situavam a *Cabeça do Brasil*, no século XVIII, como a segunda cidade em importancia do Império Português; só superada por *Lisboa*.

Para completar o precioso depoimento de *Rocha Pita*, uma valiosa notícia:

"O comércio que lhe resulta dos seus preciosos gêneros da frequência das embarcações dos portos do reino, das outras conquistas, e das mesmas provincias do Brasil, trocando umas por outras drogas, a faz uma feira de todas as mercadori-

as, um empório de todas as riquezas e o pudera ser de todas as grandezas do mundo, se os interesses de Estado e da monarquia lhe não impedira o tráfego e navegação com as nações estrangeiras, às quais se não falta com a hospitalidade, quando necessitadas de mantimentos, aguadas ou consertos, vêm as suas nãos arribadas a este porto a pedir o necessário para prosseguirem às suas viagens, mas proíbe-se aos moradores com penas gravíssimas e capitais o comprar-lhes os seus gêneros, ou vender-lhes os nossos; em tudo o mais pertencente aos apresto das suas embarcações, aguadas, refrescos e matalotagens, são cortês e amorosamente tratados e servidos". (10)

A situação descrita, permite-nos as seguintes observações;

a) Que o porto de *Salvador*, era muito movimentado, em vista do intenso comércio aqui realizado;

b) Que atividades tão intensa, fazia da *Capital do Brasil* "uma feira de todas as mercadorias, um empório de todas as riquezas";

c) Que esta excelente situação, poderia ser ainda muito melhorada, "se o interesse do Estado e da monarquia lhe não impedira o tráfego e navegação com as nações estrangeiras"; o que é confirmado pelas narrações de viajantes, aqui aportados de 1685 a 1718;

d) Que, por isso mesmo, proibia-se "aos moradores, com penas gravíssimas e capitais, o comprar-lhes os seus gêneros, ou vender-lhes os nossos";

e) Que, finalmente, no mais necessário ao "apresto de suas embarcações, aguadas, refrescos e matalotagens, são cortês e amorosamente tratados e servidos".

São reparos procedentes, cuja solução só seria alcançada cerca de cem anos mais tarde, em 1808, quando da abertura dos portos do *Brasil* ao comércio das nações amigas.

3- A Cidade do Salvador em 1730

Com as precedentes considerações, chegamos ao fim do exame de uma das principais *Fontes* utilizadas para o conheci

mento da *Evolução Física de Salvador* e preparação da *Planta da Cidade em 1730*, que acompanha o presente textb. (Desenho 02)

Resumindo quanto foi dito, concluímos:

a) Que da análise do desenvolvimento de Salvador, entre 1650 e 1730, dividida em *Bairro da Praia - Cidade Baixa - e Cidade Alta*, encontramos:

3.1 Bairro da Praia - Cidade Baixa

A ocupação da faixa à margem da *Baía de Todos os Santos* cresceu bastante, indo, em 1730, desde a *Preguiça*, na freguesia da *Conceição da Praia*, até *Água de Meninos*, na freguesia do *Pilar*. Esta conquista de um espaço urbanizado maior, processou-se mediante uma solução de tipo *Linear*, por intermédio de uma única rua, situada na estreita faixa entre a escarpa e a marinha. Da *Preguiça* às proximidades da atual *Praça Conde dos Arcos*, a via única tinha construções nos seus dois lados, edificações sólidas, de muitos andares, com presença de um setor público - *Alfândega, Arsenal, Estaleiro Naval* e outras -; um segundo setor compreendendo os edifícios religiosos. disseminados pelo espaço urbanizado, destacando-se a *Igreja* e de mais dependências da *Irmãdade da Conceição da Praia*, em sua segunda versão, no exato momento em que se ultimavam as diligências para a construção do monumental conjunto atual; um terceiro, para o desempenho da *Função Defender*, constituído pelos fortes e demais obras de defesa, destinados à proteção do *Porto e do Bairro da Praia*, todos sob a jurisdição do *Poder Público* e, finalmente, os *Setores Comercial e Residencial*, para o desempenho das importantes *Funções Trabalhar e Habitar*, constituídos dos *Armazens, Trapiches, Casas Comerciais e Residenciais*. disseminadas por todo o espaço ocupado, os dois primeiros da banda do mar, e os de mais, por toda parte.

No que refere à zona da freguesia do *Pilar*, de ocupação mais recente, era trecho também de uma rua so, menos densamente edificado, mas com construções semelhantes, para fins idênticos.

Na extensa faixa entre *Água de Meninos* e *Jequitaia - Boa Viagem - Monserrate*, da paróquia de *Nossa Senhora do Rosário*, pouco povoada, incluindo-se aí e servindo como focos de

povoamento e desenvolvimento urbano, o *Noviciado dos Padres da Companhia na Jequitaiá*, recente, e as ermidas da *Boa Viagem, dos Franciscanos*, mais antiga e de *Monsserrate*, dos *Benedictinos*, erecta nos fins do *século XVI*.

3.2 Cidade Alta

Terminando o sucinto exame da extensão da *Cidade Baixa*, em 1730, cumpre-nos, agora, realizar identica tarefa, no que concerne à *Cidade Alta*, como segue:

3.2.1 Mancha Matriz - Cidade Alta

Quanto ao trecho da "*Mancha Matriz*", actual *Sub-Distrito da Sé*, a composição de suas ruas e praças permanecia sem alteração de monte relativamente a 1650, e assim continuou, até as intervenções iniciadas no último quartel do oitocentos. O que encerrara no espaço de 80 (oitenta) anos, entre 1650 e 1730, era consequência da situação de prosperidade alcançada, que possibilitou: 1. a construção de edifícios públicos notáveis, como, por exemplo, a *Casa de Câmara e Cadeia*, em seu pleno desenvolvimento, no que se refere à ampliação procedida e que resultou na ocupação de todo o *quarteirão*, e sensível melhoria de suas instalações; o *Palácio dos Governadores*, já então dos *Vice-Reis*; a *Casa de Moeda* e a *Casa da Relação*, todos situados na *Praça do Palácio* já então sede dos *Três Poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário*, *vero Centro Administrativo*, função que desempenhou desde a fundação da *Cidade do Salvador* até o *século XIX*, último quartel; 2. O adequado agenciamento de segunda praça da cidade, o *Terreiro de Jesus* e seu prolongamento pelo *Cruzeiro de São Francisco*, na época ocupada por construções religiosas da maior significação na cidade, como a *Igreja - ainda em construção - e demais dependências da Companhia de Jesus*, inclusive o *Colégio*; a *Igreja e Convento de São Francisco* - em andamento - com a *Capela* e dependências da sua *Ordem 3ª*, ao lado; e as construções civis de *Arquitetura sóbria e nobre*, alguns de cujos exemplares sobrevivem, constituindo o conjunto, até hoje, mesmo com as desastrosas intervenções em alguns pontos, uma das ambiências mais represen-

tativas, do que de melhor existe na história da *Arquitetura Brasileira*; 3. De permeio entre as duas praças o conjunto da *Santa Casa da Misericórdia e a Sé Catedral* representavam-se valiosos exemplos da nossa *Arquitetura tradicional*, no seio do casario existente; 4. No todo, das *Portas do Carmo* às de *São Bento*, pontos extremos *Norte e Sul*, respectivamente, da *Mancha Matriz*, permanecia o *Eixo Direcional* principal da com posição urbana, paralelo à escarpa, que principiava na *Rua das Portas do Carmo* e prosseguia pelo *Terreiro de Jesus*, *Rua Direita do Colégio*, até a esquina norte da fachada *Este da Sé*, comunicando-se com a *Rua da Misericórdia, Praça do Palácio e Rua Direita - Chile* -, terminando nas *Portas de São Bento*. Tanto na zona do atual *Pelourinho*, como na parte compreendida entre o *Terreiro e a Praça Castro Alves* de nossos dias havia ruas paralelas ao eixo anterior e normais, ao lado de poucas enconsas, tudo conforme permitiam as condições do meio físico, nesse exíguo espaço de pouca profundidade. Era, no último trecho, e isolada entre a *Rua da Ajuda e a do Tesouro* de hoje, que permanecia a primeira *Igreja erecta na Cidade Alta - Sé de Palha* - desde o final do *século XVI* sob a invocação de *N. S. da Ajuda*, com o seu Adro à frente, volta do para o Norte.

3.2.2 Fora das Portas, na direção Sul

Franqueada a *Porta de São Bento*, prosseguia o *Eixo Básico* pelo atual ladeira de *São Bento*, *rua Direita de São Bento*, a mais espaçosa da cidade, na qual do lado de terra situava-se *Igreja e Mosteiro de São Sebastião, da Ordem de S. Bento*, nas vésperas da chegada a *Salvador* do eminente *Frei Arquitecto Macário de São João*, autor do monumental projeto do novo conjunto *Mosteiro e Igreja Abacial*, uma das mais importantes obras arquitetônicas Brasil em todos os tempos, infelizmente, só parcialmente executada. No lado oposto e no anterior, após o conjunto beneditino, residiam algumas das figuras mais significativa da sociedade baiana da época, inclusive, o *Coronel Sebastião da Rocha Pita*, terminando esta artéria no local em que se levantava, em fase bem adiantada, uma das *Matrizes* arquitetonicamente mais valiosas da *Cidade*, a *Igreja de São Pedro*, cujo frontispício se contava entre os me

frases; monumento esse demolido na segunda década do século atual, em flagrante atentado contra a *Memória Nacional*. Prosseguindo, pelo trajeto aproximadamente igual ao da presente *Avenida Sete de Setembro, da Praça Barão do Rio Branco - Piedade - Rosário - Mercês*, chegava-se à *Fortaleza de São Pedro*, ponto extremo da ocupação contínua nessa direção, passando-se, de permeio, pelas *Igrejas do Rosário de João Pereira e do Convento das Mercês*, em rua marginada por casas, em *Bairro* cujo incremento populacional fora significativo entre 1650 e 1730.

Paralelas ao *Eixo Principal*, da banda do mar, encontram-se a *Rua de Baixo de São Bento - Carlos Gomes - do Sodré*, ao *Areal de Baixo*, ostentando-se na do *Sodré* em sua parte baixa e defronte da ladeira que a ligava, nesse ponto, com a *Rua de Baixo de São Bento, o Convento de Santa Tereza*, com sua *Capela*, conjunto esse ainda por concluir, prosseguindo essa artéria até a *Cidade Baixa*, pela *Ladeira da Preguiça* e pela da *Gameleira*, às imediações da *Porta de São Bento*. Todo esse trecho já habitado e construído. Entre a *Piedade* e o *Forte de São Pedro*, havia da parte de terra a rua *Direita da Piedade* até a altura de *São Raimundo*. Começavam a levantar-se construções no início da atual *Ladeira do Salete*, com ligação à principal, pela *Travessa do Rosário*. No pouto, a atual *Rua Senador Costa Pinto*, com edificações nos dois lados. Trechos arruados e edificações encontravam-se na *Rua do Cabeça*, por onde se chegava ao atual *Largo 2 de julho*, então livre de casas, a não ser no trecho do *Sodré ao Areal de Cima* e deste ao de *Baixo* e em um dos lados da atual *Rua dos Democratas*. O traçado desse trecho não tinha uniformidade, tornando-se confuso, à medida que se caminhava para a encosta, rumo ao mar.

Da *Piedade*, começava um *Eixo Secundário*, irregular, de penetração, a partir do *Principal*, que, com o passar do tempo, iria se constituir importante vetor de expansão da cidade nessa direção, a atual *Avenida Joana Angélica*. Para esse *Eixo Secundário*, foram se aglutinando, mediante *Eixos Terciários*, os setores da *Mouraria e Mangueira*, que terminavam na *Palma*, e a *Rua do Bangala*, na ocasião - 1730 - contando com

a Igreja e Convento da Palma e a Capela de Santo Antonio da Mouraria, como focos iniciais de ocupação e posterior desenvolvimento, começados na época da invasão holandesa - 1624-25 - e continuados no século então decorrido. Da Palma, pela ladeira que lhe tomou o nome, atingia-se o Guadalupe donde ascendia-se à Mancha Matriz. Do Bangala, chegava-se à Palma, mas ia-se também ao Gravatã e daí ao Desterro, que era outro Bairro em formação, nucleado no Convento das Religiosas do Desterro, o mais antigo de Freiras da Cidade. Daí atingia-se São Miguel, subindo-se então, para o Pelourinho. Do Desterro, alcançava-se o Bairro da Saúde, que, como aquele, tinha seu princípio de povoamento na mesma época do da Palma, uma vez que, sendo estes três pontos - Palma - Desterro - Saúde - eminentes e fronteiros à Mancha Matriz, tornaram-se locais importantes na campanha de sítio e retomada final da Cidade do Salvador, iniciando-se, por isso mesmo, a conquista da segunda linha de cumeeada. Do Bairro da Saúde, chegava-se, pela Rua do Alvo, ao vale do Rio das Tripas, que aí era transposto, para à Baixa dos Sapateiros e Taboão, subindo-se ao Pelourinho pelas Portas do Carmo; ao Bairro do Carmo pela ladeira do mesmo nome, e ao Bairro da Praia pelas Rua e Ladeira do Taboão.

Estes 3 (três) novos Bairros, Palma - Desterro - Saúde (o último tido por Massé como "muito povoado hoje") se originaram da necessidade de utilizar os seus pontos, topograficamente favoráveis, pela relativa eminência em que se situavam e por se encontrarem fronteiros à Mancha Matriz, na luta pela reconquista da Cabeça do Brasil em 1625. Em São Bento e no Carmo, igualmente pontos altos em relação ao núcleo central ocupado pelo inimigo, construíram-se instalações e concentraram-se tropas para a refrega, mas esses locais tinham sido povoados antes de 1624, como já vimos.

Recuperada a cidade, em abril de 1625, nas décadas sucessivas os três núcleos apontados foram sendo ocupados, dando princípio a um desenvolvimento de todos eles, a partir da Palma, do Desterro e da Saúde.

Considerando-se a situação em 1730, do Distrito da Sé, na malha urbana já consolidada, e as importantes funções aí desenvolvidas, compreende-se que a expansão urbana dos novos

bairros se tivesse verificado no sentido de comunicações com o centro das decisões políticas, administrativas, comerciais e outras, estabelecendo-se vias de ligação da *Palma, Desterro e Saúde* com a *Mancha Matriz* e o *Bairro da Praia*, veros centros da atividade urbana, na ocasião. Em verdade, foi pela *Barroquinha - Porta de São Bento*, e, daí, diversificando-se em várias direções, a saber:

a) subindo, em direção *Norte* para a *Cidade Alta-Sé*;

b) idem, no sentido oposto, para *São Bento e Rua de Baixo de São Bento*;

c) dirigindo-se para o *Bairro da Praia*, pelas ladeiras que tinham seus pontos terminais na *Conceição* e na *Preguiça*, e pelo *Guadalupe, São Miguel, Baixa da Saúde e Rua do Alvo*, entre outros, que se deu a transposição do vale do rio das *Tripas*, para chegar-se ao *Centro Administrativo ou Centro Religioso-Cultural* da cidade, na ocasião, para o *Bairro da Praia*, usavam-se as ladeiras - já aumentadas em número -, no trânsito dos moradores dos bairros novos, situados na segunda linha de cumeeada, em busca dos locais onde preferencialmente se exerciam as *Funções Fundamentais Urbanas da Capital do Brasil: Administrar, Trabalhar, Defender Circular e Recrear*.

O aparecimento do *Eixo Secundário* da composição urbana, que com o envolver dos tempos veio a se constituir em importante via pública, a atual *Avenida Joana Angélica*, conectando o *Bairro de São Pedro* - na *Piedade* - com o então amplo e desocupado *Campo de Nazaré*, em que, a par de sua *Igreja Matriz*, concluída no primeiro quartel do setecentos baiano, pouca coisa havia, é fato urbano mais recente. Na época, 1730, assistia-se ao seu tímido surgimento, alcançando unicamente o casario, na *Planta de Massé*, as imediações da atual rua da *Mangueira*, resultando, por conseguinte, da expansão do *Bairro de São Pedro*, nessa direção.

Na *Planta do Brigadeiro francês*, em que, ao par da indicação da área já urbanizada da cidade, figuravam pontos por ele destinados à construção de novas obras de *Fortificação*, várias das quais não foram feitas, reservava-se amplo espaço

no *Bairro da Palma* para a "*Cidadela*", nunca construída. Toda via, aí, por sua vocação para instalações militares, desde 1624-25, o local, do século XVIII até os dias presentes, foi ocupado por *Quartéis* e outros alojamentos militares, até o atual *Quartel General - 1912* - e demais dependências aí sediadas, da *VI Região Militar*.

3.2.3 Fora das Portas, na direção Norte

Ultrapassadas as *Portas do Carmo*, rumo ao Norte, estava-se no *Bairro de Santo Antonio*, que se prolongava, já estabilizado, do ponto de vista urbano, depois dos revezes sofridos nos tempo das lutas com os flamengos, atingindo o rumo do *Eixo Direcional* principal da composição urbana à atual *Praça de Santo Antonio Além do Carmo*, onde, finalmente erecta de alvenaria ciclópica se mostrava a *Fortaleza* em que se transfiguraram as instalações eventuais que a precederam, nesse importante ponto estratégico da *Cidade do Salvador*. Próxima a esta, o *Forte do Barbalho*, de igual tradição e evolução semelhante, até a sua forma final, cruzando-se os fogos das duas, numa eventualidade de ataque da *Soterópolis* pelo Norte, como o tentara, sem sucesso, o *Príncipe Maurício de Nassáu*, em 1638.

De permeio entre esses dois pontos extremos do avanço da *Cidade do Salvador* nessa direção, encontravam-se a *Igreja e Convento do Carmo*, com a Capela e demais dependências de sua *Ordem 3^a*. A primeira ainda presente na paisagem urbana de hoje, e, a segunda, conforme a sua reconstrução ocorrida após o pavoroso incêndio que a destruiu na noite de quinta para sexta-feira santa de 1788 - ensejando rápida reconstrução da *Capela* incendiada - sem que, praça aos ceus, tivesse sofrido o preciosíssimo acervo que então, como agora, guarda o mais expressivo da monumental obra escultórica de *Francisco das Chagas*, o *Cabra*, um dos amadores nomes da *Escultura brasileira*, em todos os tempos.

À parte dessa rua principal o *Bairro* crescera, seja no seu início, com a *Rua do Passo*, seja no seu trecho final, onde estavam ruas paralelas e normais àquela, edificadas nos

seus dois lados, "compostas de muitas casarias", com "numero sa povoação" segundo Rocha Pita.

Do extremo Norte desse importante Bairro, ia-se à *Quinta dos Padres*, à *Água de Meninos* e, continuando na direção Norte alcançava-se o *Alto da Soledade*, para a qual, como anotamos antes, *Massé* previra a sua "*Óbra Coroa*", para impedir o acesso e alojamento de um possível inimigo por aí, vez que, começava nêsse ponto, o caminho para o interior. Na oportunidade, segundo o testemunho do Autor da "*História da América Portuguesa*", havia "*uma igreja de Nossa Senhora*, que seria o fulcro da urbanização dessa zona de cidade, em futuro próximo.

4 Considerações Finais

Em resumo, em 1730, a *Colina da Sé* encontrava-se inteiramente urbanizada; *São Bento* e *Carmo*, em progresso, predominando aí, desde *Santo Antonio Além do Carmo* até o *Fort de São Pedro*, a tradicional rua principal, *Eixo Básico* da composição urbana, entrada e saída na direção Norte-Sul da *Cidade do Salvador*, via primordial da vida urbana e caminho para se atingir, fora da área indicada, os músculos de povoação, dentro e fora do seu *Termo*.

No segundo divisor de águas, acrescido à área primitiva na última centúria, os novos *Bairros da Palma*, *Desterro e Saúde*, intercomunicantes por vias situadas nas partes próximas ao vale do *Rio das Tripas*, ligavam-se à *Mancha Matriz* naqueles pontos em que o mesmo era transposto, em vista da natural atração exercida pelas estruturas da *Colina da Sé*.

A *Cidade Baixa - Bairro da Praia* - bastante estendida, estava ocupada desde a *Conceição* até o *Pilar*, com edificações sólidas e importantes edifícios públicos e religiosos.

Ao findar-se o primeiro terço do século XVIII, as principais igrejas e edifícios públicos estavam prontos ou em andamento, e, em tórno daquelas, ia se agrupando a população, criando-se novos pontos de povoamento.

O abastecimento de água à cidade era resolvido por meio de grandes fontes públicas, cuja conservação era mantida pelo

governo da cidade.

De todo o *Recôncavo*, vinha para Salvador o necessário ao seu abastecimento, sendo Cairú, Camamu, Boipeba e a povoação do *Rio das Contas* os celeiros da *Bahia*, quando ainda era por mar que se estabeleciam as principais comunicações da *Cidade do Salvador* com o *Recôncavo*, a *Bahia*, o *Brasil* e o *Mundo*. Nessa época, era a via aquática e preferida, inclusive para as ligações entre a *Cidade e Itapagipe, Barra, Rio Vermelho* e demais pontos da *Baía de Todos os Santos e Orla Marítima*.

Contando com uma população de cerca de 30.000 habitantes "*capazes dos Sacramentos*" e existindo mais de "*seis mil fogos*", *Salvador* era a segunda cidade do *Mundo Português*, em importância, só superada por *Lisbôa*.

No *Recôncavo*, na mesma ocasião, o número de seus habitantes excedia o "*cômputo de cem mil almas de confissão, além dos que não são capazes dos Sacramentos*". (11)

Experimentara a *Cidade do Salvador, "Cabeça do Brasil"*, expressivos índices de desenvolvimento urbano e populacional, resultantes da prosperidade alcançada pela região da qual era o mais importante polo de desenvolvimento, nos quase 200 (duzentos) anos volvidos, desde a sua fundação e construção inicial, sob a ponderada e segura administração de *Tomé de Souza*, e o competente desempenho técnico do *Mestre das Obras da Cidade, Luiz Dias*.

NOTAS

- 1) MARTINS, Wilson. v.1 p.309
- 2) SILVA, J. M. Pereira da - apud MARTINS, W. op. cit. v.1 p. 310
- 3) PITA, Sebastião da Rocha, p. 46
- 4) Ibid. p.46
- 5) Ibid. p.46-47
- 6) Ibid. p.47
- 7) Ibid. p.47
- 8) Ibid. p.47
- 9) Ibid. p. 47-48
- 10) Ibid. p.50
- 11) Ibid. p.49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. S. Paulo, Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1976. v.1 p.309.
- PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Belo Horizonte, Itatiaia; S. Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p.46-50.

RESUMO

O presente estudo, realizado no âmbito do *Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia - CEAB -*, da *Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia*, tem por finalidade, apresentar, de forma sucinta, a situação em que encontrava a *Cidade do Salvador*, então *Capital do Brasil*, em 1730. Utilizando-se, como *Fontes Primordiais*, da *Planta da Cidade*, levantada na segunda década do século XVIII em *João Massé*, Brigadeiro francês, então a serviço de Portugal, e das informações contidas na *História da América Portuguesa*, de *Sebastião da Rocha Pita*, reconstituiu-se o estado de desenvolvimento urbano da *Cabeça do Brasil*, em 1730. Tais estudos fazem parte do *Projeto de Pesquisa "Evolução Física de Salvador"*, em desenvolvimento no CEAB.

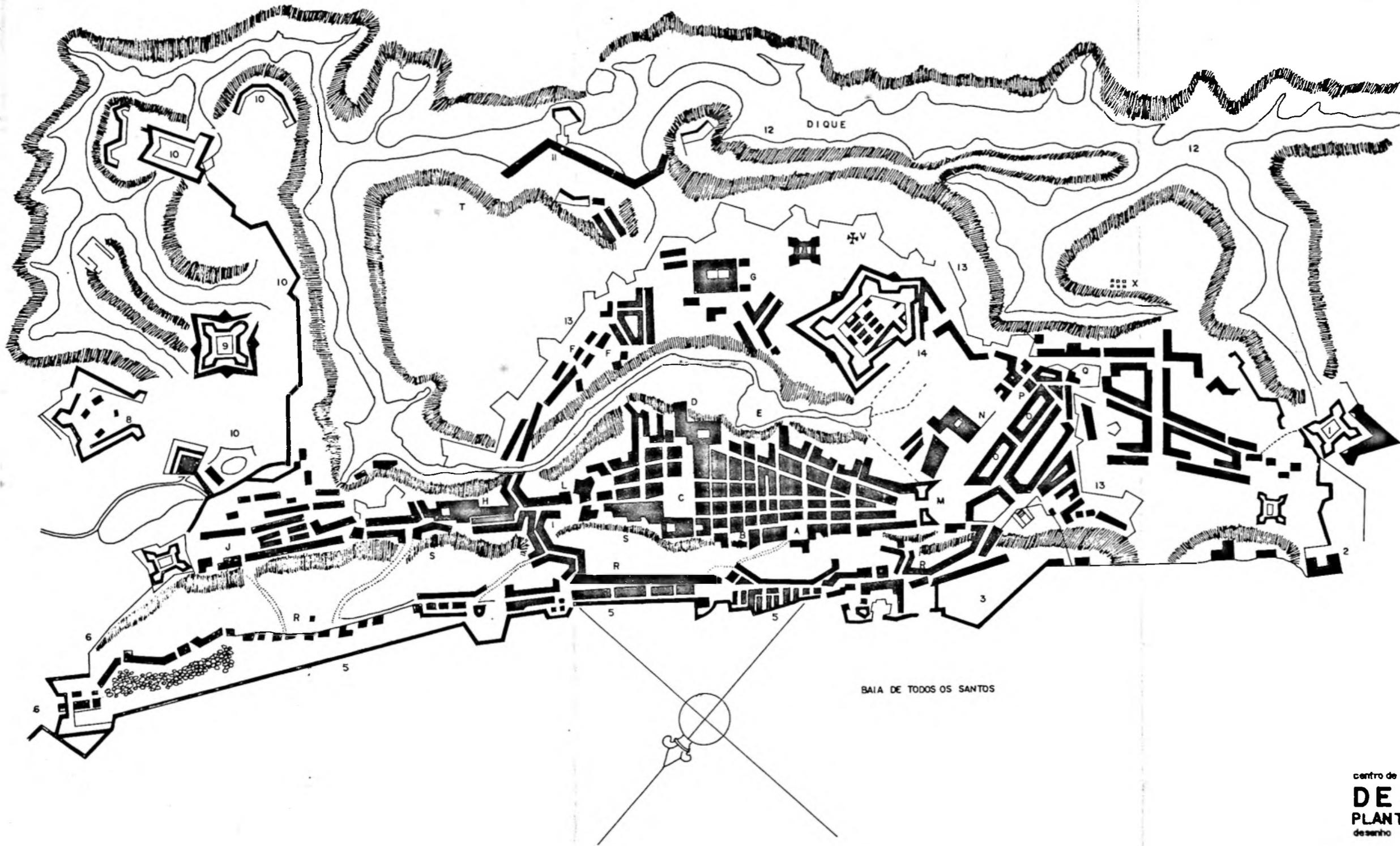
SUMMARY

The present paper, has been written at the *Centro de Estudo da Arquitetura na Bahia - (CEAB) -*, *Faculdade de Arquitetura da Universidade da Bahia*. Its final approach is to present, in a very concise way, the situation of the *City of Salvador*, by then, *Capital of Brazil*, in 1730.

As prime fountain of information, it has been used, the *City Plant*, made at the second decade of XVIII century.

by João Massé, a french Brigadier at the service of Portugal. Also information that appeared in the "Historia da América Portuguesa" by Sebastião da Rocha Pita. Based in these works, ~~has~~ been rebuilt the situation of urban developing of the head of Brazil, in 1730.

Those studies are a part of the Searching Project "Physical Evolution of Salvador", that is under developing at the CEAB.



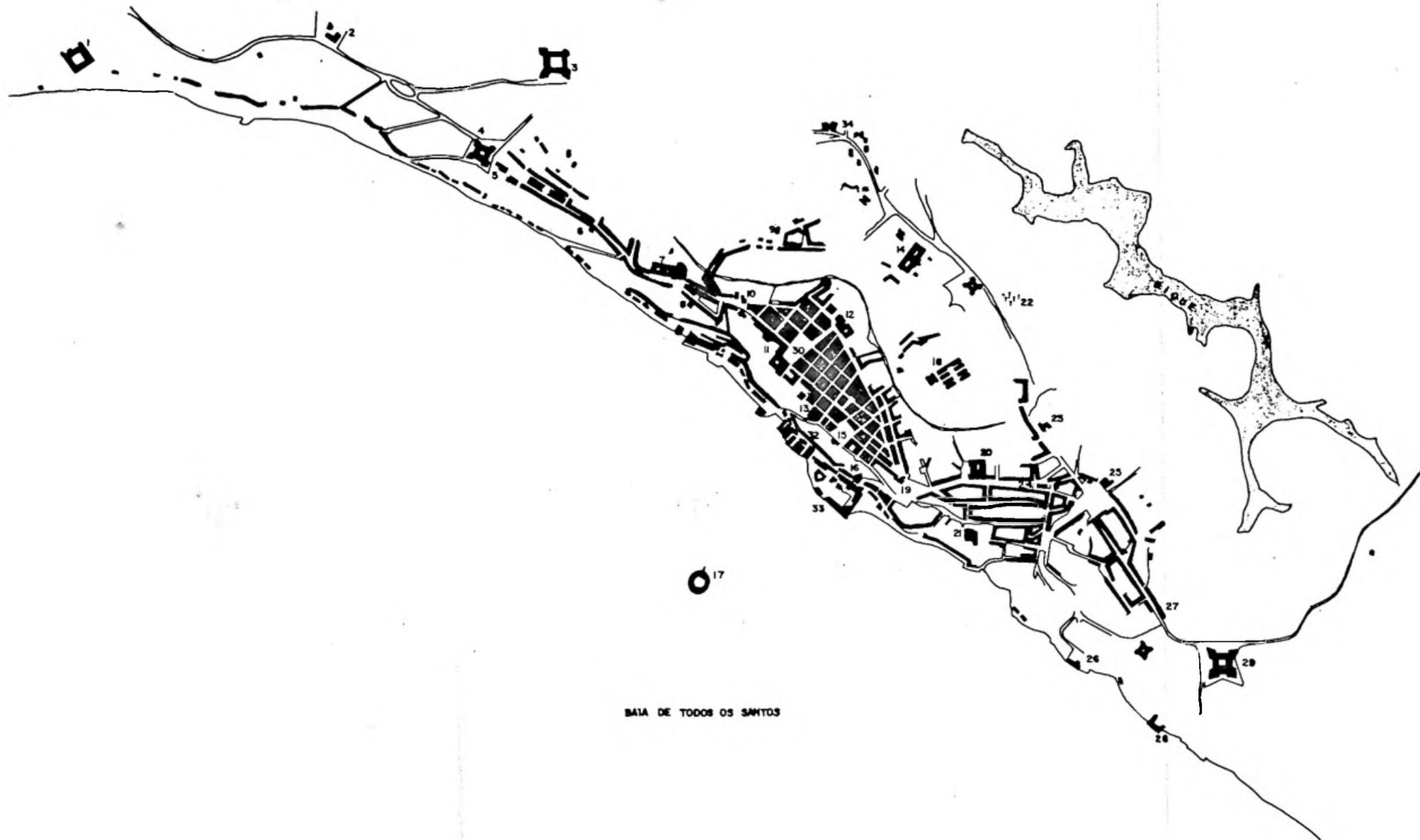
LEGENDA

- A centro administrativo
- B sé catedral
- C terreiro de jesus
- D convento de s. francisco e ordem terceira
- E dique primitivo
- F bairro de n.s. da saúde
- G mosteiro de sta. clara do desterro
- H convento do carmo e ordem terceira
- I bairro da cadeia do carmo e rua do passeio
- J bairro de sta. antonio alem do carmo
- L portas do carmo
- M portas de s. bento
- N convento de s. bento
- O barro de s. bento
- P bairro de s. pedro velho
- Q piedade
- R praia ou cidade baixa
- S colina sobranceira a praia
- T campo de nazare
- U cemiterio
- V continuação da povoação

FORTIFICAÇÕES

- 1 forte de s. pedro
- 2 bateria de s. paulo
- 3 muralha projetada p/ defesa do porto
- 4 arsenal caldeira e bateria da ribeira
- 5 casis projetado p/ defesa da marinha
- 6 fortificações proj. em agua de meninos
- 7 forte de sta. antonio
- 8 obra coroa no alto da soledade
- 9 forte do barbalho
- 10 fortificações exteriores projetadas
- 11 fortificação do coquende
- 12 dique
- 13 trincheira
- 14 cidadela

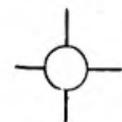
centro de estudos da arquitetura na Bahia **CEAB**
DESENHO **OI**
 PLANTA DO BRIGADEIRO JOAO MASSÉ
 desenho ana maria lacerta



BAIA DE TODOS OS SANTOS

LEGENDA

- 1-MOVICIAO DOS JESUITAS
- 2-CONVENTO DA SOLEDADE
- 3-FORTE DO BARBALHO
- 4-FORTE DE STO. ANTONIO
- 5-IGREJA DE STO. ANTONIO
- 6-CAPELA DO BOQUEIRO
- 7-CONVENTO DO CARMO
- 8-IGREJA DO PASSO
- 9-IGREJA DA SAUDE
- 10-PORTAS DO CARMO
- 11-COLEGIO DOS JESUITAS
- 12-CONVENTO DOS FRANCISCANOS
- 13-IGREJA DA MISERICORDIA
- 14-CONVENTO DO DESTERRO
- 15-CENTRO ADMINISTRATIVO
- 16-IGREJA DA CONCEICAO DA PRAIA
- 17-FORTE DO MAR
- 18-PALMA
- 19-PORTAS DE S.BENTO
- 20-CONVENTO DE S. BENTO
- 21-CONVENTO DOS TERESIOS
- 22-CEMITERIO
- 23-CONVENTO DA LAPA
- 24-IGREJA DE S. PEDRO VELHO
- 25-CONVENTO DA PIEDADE
- 26-SOLAR DO UNHAO
- 27-CONVENTO DAS MERCES
- 28-FORTE DE S. PAULO DA GAMBOA
- 29-FORTE DE S. PEDRO
- 30-TERRA DE JESUS
- 31-SE
- 32-PRAIA, CIDADE BAIXA
- 33-ARSENAL, CALDEIRA E BATERIA DA RIBEIRA
- 34-IGREJA DE NAZARE



C E A B
 CENTRO DE ESTUDOS DA ARQUITETURA NA BAHIA
DESENHO 02
 SALVADOR 1730
 DESENHO ANA MARIA LACERDA